

A BUSCA DA IDENTIDADE REGIONAL E INDIVIDUAL
EM CHIQUINHO E O MOVIMENTO DA CLARIDADE.

David Brookshaw (Universidade de Bristol)

Estas breves considerações em torno do romance Chiquinho, de Baltasar Lopes, se desdobram em três etapas. Em primeiro lugar, julgo conveniente situar a obra dentro do contexto dos ideais do movimento da Claridade, ao qual o autor pertencia, sendo o seu romance um espelho mais ou menos fiel desses ideais. Aqui, uma menção do movimento regionalista no Brasil, e o seu expoente mais conhecido, Gilberto Freyre, torna-se de suma importância, já que o conceito de uma espécie de transculturaçãõ, ou mestiçagem, proposto pelo pensador brasileiro em relação ao Nordeste do Brasil, foi adaptado pelos 'Claridosos' ao contexto caboverdiano, travando, é preciso acrescentar, qualquer crítica que pudesse surgir contra o regime colonial. Em segundo lugar, acho importante colocar o romance caboverdiano num outro contexto, tão importante, a meu ver, quanto o contexto do movimento regionalista brasileiro. Refiro-me à literatura antilhana, e mais especificamente, à literatura de conscientização regional e nacional que surgia já nos anos 30 e 40, e que tem muitos pontos em comum com a caboverdiana. A terceira consideração verterá, com brevidade, sobre aquilo que se poderia chamar a tensão entre a afirmação regional implícita na história de Chiquinho, e que até explica a partida do herói em termos da cultura caboverdiana (fatalismo, wanderlust etc.), e a realidade dessa partida como mecanismo de defesa de privilégio social da parte de Chiquinho e da sua família.

É geralmente aceite que o romance caboverdiano nasceu com a publicação de Chiquinho em 1947. Chiquinho é, sem dúvida, representativo das prioridades de um grupo de intelectuais que surgiram nos anos 30, interessados em explorar a cultura regional de Cabo Verde, e cujo porta-voz era a revista Claridade. O romance também manifesta certas influências da literatura brasileira, nomeadamente do romance nordestino de 30. Na realidade, o movimento de renovação literária, agrupado em volta de Claridade, foi bem mais afetado pela evolução da literatura brasileira do que da portuguesa nas décadas de 30 e 40. Muitos caboverdianos se tornaram concientes

das afinidades existentes entre as suas ilhas crioulas e o Brasil chamado 'clássico', isto é, a faixa litorânea do Nordeste, cujos alicerces sociais foram a escravidão africana, a miscigenação, e a conseqüente mistura cultural. Outrossim, o sertão árido do Nordeste brasileiro, flagelado com regularidade pela seca, sofria os mesmos problemas sociais que Cabo Verde, também vítima das secas. Daí a identificação que muitos caboverdianos sentiram ao tomarem conhecimento das obras de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, e Jorge Amado.

Além disso, a preocupação dos escritores brasileiros, a partir da revolta dos Modernistas, em nacionalizar a língua portuguesa como expressão literária, impeliu muitos caboverdianos a tentarem fazer a mesma coisa nas suas próprias manifestações literárias. Essa afinidade dos caboverdianos em relação ao Brasil, foi sintetizada por José Osório de Oliveira na própria revista Claridade: "Os caboverdianos precisavam dum exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. As afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdianos para compreender, sentir, e amar a nossa literatura brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentindo-se apoiados, na análise do seu caso, pelos novos ensaios brasileiros, os caboverdianos descobriram o seu caminho".¹

Ninguém com conhecimento das obras desses escritores brasileiros poderá negar as ressonâncias em Chiquinho: a evocação de um mundo rural e edênico associado com a infância do protagonista principal, faz-nos lembrar dos romances do Ciclo de Cana de Açúcar de José Lins do Rego, os quais, tal como o faz Chiquinho, descrevem a passagem para a maioridade de um personagem/herói. O tratamento da temática da seca, assim como a estrutura quase cíclica de Chiquinho - o enredo se desenvolve entre a partida do pai para a América e a partida do filho para o mesmo destino - lembram Vidas secas, ao passo que as evocações da mitologia marítima se inspiram nos romances bahianos de Jorge Amado, especialmente Mar morto.

Entretanto, é nas descrições da realidade étnico-cultural de Cabo Verde, mais precisamente de São Nicolau, que o autor de Chiquinho se identifica consistentemente com o regionalismo brasileiro. Os intelectuais da Claridade, assim como os seus mentores brasileiros, tentaram mostrar como a mistura de culturas africana e européia, e a tradição de miscigenação nas ilhas, tinham produzido uma sociedade marcada pela mais perfeita democracia racial. Neste sentido, o patriarca do regionalismo brasileiro, Gilberto Freyre, foi uma influência decisiva. Os caboverdianos gostavam de fazer o mesmo tipo de comparação que o Freyre fizera, em Casa grande e senzala, entre o Nordeste brasileiro e os Estados Unidos, país com uma história racial, ao que parecia, completamente negativa. O mito do racismo anglo-saxônico, tão crucial no pensamento de Freyre, foi reiterado no primeiro número da revista Claridade. Essa fidelidade ao pensamento brasileiro não deixa de ter um aspecto irônico, já que Freyre exaltava a capacidade dos portugueses de se integrarem nos trópicos. Aceitando estas teorias, parecia que os caboverdianos também aceitavam o regime colonial: "O facto

positivo é a criação em Cabo Verde de um ambiente de grande liberdade humana, nascida desse processus sui generis absolutamente português, ao invés dos colonizadores anglo-saxônicos que, sempre munidos da piedosa Bíblia protestante, asfixiaram moralmente o pobre negro em nome da grande Civilização, apertando-o nas tenazes da colour line, e não permitindo que ele se evadisse desse compartimento estanque².

Ora, em Chiquinho, não há nenhuma exaltação dos portugueses. Muito pelo contrário, a ausência de Portugal e dos portugueses é patente, fator que levou pelo menos um crítico a classificar o romance como a primeira obra literária caboverdiana completamente autônoma. Por outro lado, notamos as mesmas incongruências no tocante à chamada democracia racial que existem no pensamento brasileiro: nas suas reminiscências, Chiquinho menciona a ausência de discriminação na sua ilha natal, mas ao mesmo tempo, ficamos sabendo que o jovem protagonista tem uma cor relativamente clara e cabelos lisos "de indiano", ambos dos quais considerados vantajosos dentro do padrão de valores estéticos e sociais de Cabo Verde. A presença da África, a sua vez, se limita às personagens negras que povoam o mundo da infância de Chiquinho, e que são responsáveis pela sua formação cultural crioula. O continente se associa a um mundo pré-lógico, exótico e mítico, encapsulado em personagens como Totone Menga Menga, espécie de curandeiro e profeta popular que mora no Morro de Bissau, ou o estudante 'badio' que dança o batuque na festa do Carnaval em São Vicente. Sobretudo, a África é uma chamada ancestral, ligada à infância do mundo, como o é também a infância do próprio Chiquinho, através dos contadores de histórias negros. Daí, também, a afinidade de Baltazar Lopes com José Lins do Rego.

Se os expoentes do novo regionalismo caboverdiano tivessem se liberado um pouco da linha brasileira, teriam notado as fortes semelhanças entre a evolução da sua comunidade de ilhéus e a das ilhas antilhanas, muitas das quais governadas por esses mesmos demônios anglo-saxônicos, e que também estavam em vias de produzir uma literatura em língua inglesa que visava expor o mesmo tipo de problemas que a literatura caboverdiana em português. Na verdade, os problemas específicos de Cabo Verde, os quais provinham, em parte, da sua situação geográfica isolada, eram, em muitos aspectos, parecidos com os das ilhas do Caribe.

Não nos surpreende, portanto, que um romance como Chiquinho tenha vários pontos em comum com o romance, No castelo da minha pele, do escritor barbadiano, George Lamming, publicado em 1953³. Tal como no caso de Chiquinho, o romance de Lamming descreve a passagem da infância para a adolescência de um protagonista, e culmina na partida deste para a descoberta de novos horizontes. No caso do herói do romance de Lamming, essa partida é para a ilha vizinha de Trindade, um processo que, segundo entendemos, será um prelúdio para outras deslocações depois, da mesma forma que a partida de Chiquinho para São Vicente, com a sua cidade portuária e o seu liceu, representa para o jovem caboverdiano uma primeira experiência do mundo.

No entanto, é nas experiências de dois personagens secundários, dois emigrantes que voltaram da América, que se nota uma afinidade entre o caboverdiano e

o barbadiano. Para Trumper, no romance antilhano, a emigração fê-lo concientizar-se como negro, processo impossível através do sistema de educação colonial. A influência que Trumper tem na decisão do seu jovem compatriota de sair de Barbados, corresponde à influência de José Lima sobre o próprio Chiquinho. Certos trechos dos dois romances demonstram muito bem as semelhanças. Nos dois casos de José Lima e de Trumper, a ambição pessoal, a busca da identidade individual, lhes trouxe também uma consciência de raça e, por implicação, uma maior compreensão das limitações da realidade colonial. No caso de Trumper, essa consciência o leva a afirmar-se como negro, ao passo que para José Lima, ser rotulado de negro na América é uma humilhação:

Trumper: "Eu não sei muito a respeito da Trindade, mas é bem possível que tu tenhas que ir mais longe um dia, e há muita coisa que tu vais ter que aprender. As coisas que precisas de saber nesta vida, não vais adquirir nunca nos livros escolares. Talvez tenha algo a ver com o que os velhos chamam de experiência, mas podes crer, só vais aprender a contar e a escrever teu nome na escola. O resto são dá para te atrapalhar quando saíres para o mundo fora" (. 288).

José Lima: "...caía logo no assunto da sua experiência americana. Ele tinha uma maneira sempre nova de dizer as coisas. De cada vez as suas palavras traziam um aspecto diferente para mim. Contou-me as suas ilusões de adolescente. A sua vida de estudante inteligente, mas inadaptado do seminário. O seu desejo de se evadir dos compêndios e fazer deles o ponto de partida para a descoberta de novos mundos da inteligência. Esse desejo sempre insatisfeito e a inconformação com a vida medíocre que o esperava nas ilhas fizeram-no emigrante" (Lisboa, Prelo, 1970, p. 226).

Trumper: "Era o que eu queria dizer quando te disse que não compreendias a vida ... E eu também não a compreendia até que cheguei nos Estados Unidos. Se há uma coisa pela qual tenho que agradecer à América, é que ela me mostrou qual é a minha raça. Agora nunca mais vou esquecer."
"Mas há gente negra aqui", eu respondi. Não o tinha entendido muito bem.
"Eu sei, mas não é a mesma coisa. É completamente diferente. Claro que os negros aqui também são minha gente, mas eles não o sabem ainda. Tu também não o sabes ainda. Ninguém aqui nesta ilha sabe o que significa ter consciência de raça" (p.295).

José Lima: "Depois mergulhou nas bibliotecas. Aprendeu o inglês depressa. Matriculou-se numa Senior High School. O humilhante da sua condição de Portuguese black man contactando com a alegria triunfal de conhecer novos mundos. E no cabo foi a lição americana. Ele viu de que o homem é capaz" (p. 227).

Estes dois romances focalizam a emigração como uma espécie de exílio necessário ao pleno desenvolvimento intelectual do indivíduo. A noção da partida como uma maneira de se encontrar constitui, portanto, uma temática importante na literatura de um certo período tanto nas ilhas afro-americanas do Caribe quanto nas ilhas de Cabo Verde. Por outro lado, esta idéia se formula a partir de necessidades econômicas: a emigração como fuga ao desemprego, entado inerente nas ilhas, agravado durante os períodos de flagelo, ou no caso das Antilhas, durante os períodos de crise no preço do açúcar. Daí a crítica dirigida por gerações subsequente contra os 'Claridosos', e da qual o autor de Chiquinho não escapou por completo. Parecia que os expoentes da Claridade tinham tentado edificar toda uma filosofia caboverdiana baseada na evasão, no escapismo, na fuga aos verdadeiros problemas sociais e políticos do arquipélago. Na realidade, a função da maioria dos personagens de fundo em Chiquinho é de representar uma dualidade no caráter caboverdiano, associada com a dicotomia entre a terra e o mar, a escravidão e a liberdade, a carne e o espírito. Essa dualidade foi expressada da seguinte maneira por Manuel Lopes, na revista Claridade: "O apelo da carne, o desejo, a posse-sensualidade, e o espiritualismo puro, o devaneio, o amor platônico - a saudade, isto é, dum lado a carne, do outro lado o espírito. Do lado da carne, a perversidade, onde o seu aspecto mordaz se contém. Do lado do espírito, a saudade, a ansiedade de partir (saudade do mais adiante), o wanderlust dos ingleses, a sua quasi doentia inquietação das distâncias"⁴. Ora, o tratamento dado por Baltasar Lopes ao simbolismo da terra e do mar é um dos traços mais marcantes do romance. Há uma ambivalência na atitude do autor em relação à terra: por um lado, se incorpora a uma visão bucólica associada com a infância, e a fartura. Por outro lado, a terra vem a ser associada com a idéia platônica da vil matéria, o mais baixo na hierarquia dos elementos, equivalente ao ser humano, dos instintos mais baixos. Nesse sentido, a terra escraviza, enquanto o mar, motivo do fascínio de Chiquinho, devota às histórias que lhe conta Tói Mulato, simboliza a liberdade, a capacidade espiritual, a força que promove descobertas. É por isso que os personagens ligados à terra, ou porque nunca embarcaram ou porque desembarcaram, são caracterizados como derrotados: Nhô Chicana, Chico Zepa, Tio Juca, e o próprio José Lima, uns escravizados pela enxada, outros pelo sexo ou pelo grogue. Há outros personagens ligados ao mar, sendo o mais notável destes, Tói Mulato, companheiro de infância de Chiquinho, e que é destinado desde cedo a ser marinheiro. Ainda menino, Tói manifesta uma força espiritual que o habilitará a enfrentar as tentações que o poderiam degradar. Por isso, é a personificação de uma espécie de pureza caboverdiana, daquilo que Manuel Lopes qualifica de "espiritualismo puro" ou de "wanderlust", e que também afeta o próprio Chiquinho ao embarcar para a América.

Na melhor das hipóteses, poderíamos dizer que o conceito da partida como caminho para uma maior consciência da caboverdianidade, que é a base do romance Chiquinho, corresponde a um estado mental, a uma filosofia, cujas raízes se acham na incapacidade das ilhas de suportar a sua população, ou, no caso da família de Chiquinho, de fomentar o crescimento de uma classe média. As tentativas de Chiquinho de se

reincorporar à vida de S. Nicolau depois da sua estadia em Mindelo, falham porque a ilha natal não possui as condições através das quais ele poderia manter o seu status social de jovem formado, e estabelecer-se como pater familias burguês, casando-se com a namorada. Quando a seca volta, a frustração intelectual ou espiritual de Chiquinho, adolescente incapaz de se reintegrar no mundo da sua infância, encontra uma saída através da solução do embarque. Em resumo, o romance Chiquinho retrata a evolução de uma consciência regional no seu protagonista, mas esse orgulho caboverdiano não pode sobreviver à necessidade individual ou social de emigrar - melhor, essa necessidade é explicada em termos da cultura, e portanto, da identidade caboverdiana. Ao embarcar Chiquinho, o ciclo da sua infância acaba. Renascido como adulto, ele se reintegra ao fatalismo inerente nos mitos e lendas da sua infância, os quais o preparavam, sem ele saber, para a partida inevitável.

NOTAS:

1. 'Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil', Claridade, 2, Agosto de 1936, p.4.
2. João Lopes, 'Apontamento', Claridade, 1, Março de 1936, p.9.
3. O título original é, In the Castle of my Skin. Edição consultada, Longman Drumbeat, 1979.
4. 'Tomada de vista', Claridade, 1, Março de 1936, p.6.